

Relatório Preliminar da Escavação Arqueológica do Local do Colégio de São Paulo, 2010-2012

Instituto de Arqueologia da Academia Chinesa de Ciências Sociais, Instituto Cultural do Governo da RAEM.

O Governo da RAEM estabeleceu um grupo de trabalho interdepartamental em 2009 para realizar um estudo sobre o planeamento geral da área central das Ruínas de São Paulo e da área envolvente. Considerou-se que a área anteriormente ocupada por quatro edifícios usados para alojamento de funcionários públicos desde a década de 1960 estava dentro dos limites do Colégio de São Paulo, devido à sua proximidade com a Igreja de São Paulo. Por isso, o Instituto de Arqueologia da Academia Chinesa de Ciências Sociais (CASS, na sigla inglesa) criou a equipa arqueológica conjunta para encarregar-se do trabalho arqueológico encomendado pelo Instituto Cultural do Governo da RAEM, e levantamentos arqueológicos e escavações da área acima referida foram realizadas por fases entre 2010 e 2012. O resultado das escavações foi frutífero. Foi preliminarmente determinado que a área onde o trabalho arqueológico foi realizado pertencia ao local do Colégio de São Paulo. Os restos de um grande poço de pedra e uma parede de terra foram encontrados no local, e uma grande quantidade de materiais de construção, peças de cerâmica e porcelana foram

desenterrados. Estas peças, incluindo muitas das porcelanas de exportação do final da dinastia Ming até ao início da dinastia Qing, são particularmente valiosas para os estudos da configuração dos templos católicos, das técnicas de construção, do intercâmbio cultural sino-ocidental, da história do comércio sino-português e do papel de Macau no sistema de comércio da Ásia Oriental e global entre o final do século XVI e o início do século XIX. Estas são também importantes peças de provas materiais para os estudos da porcelana chinesa de exportação e da "Rota Marítima da Porcelana".

Depois de analisar os registos da escavação e os restos desenterrados, a equipa arqueológica escreveu este artigo como um relatório preliminar sobre a escavação arqueológica feita de 2010 a 2012 no local do Colégio de São Paulo em Macau.

[Autores: Zhu Yanshi, Shen Lihua, Lou Ho Ian, Li Xin, Chio Ut Hong, He Suili, Wang Rui, pp. 6-65]

Artistas Europeus em Cantão, 1793-4: William Alexander e os Daniells

Os artistas profissionais do ocidente dificilmente tinham acesso à China até os últimos anos do século XVIII. Mas em Dezembro de 1793, três artistas profissionais da Grã-Bretanha - William Alexander, Thomas Daniell e William Daniell - estavam juntos em Cantão (Guangzhou). Alex-

ander, desenhista da primeira embaixada britânica na China, voltava da audiência da embaixada com o Imperador Qianlong; os Daniells, depois de sete anos na Índia, procuravam uma passagem para casa a partir de Cantão.

Podemos supor que estes artistas teriam retornado a Londres com uma infinidade de esboços de Cantão. No entanto, o seu acesso à cidade era limitado e enfrentavam a concorrência do grupo em rápida expansão de artistas de exportação cantoneses; o contacto dos ocidentais com estes artistas "de exportação" é discutido (com referência ao diário não publicado de Alexander), assim como a influência que esses artistas chineses podem ter tido nos três visitantes e nas pinturas ocidentais subsequentes de temas chineses.

[Autor: Patrick Conner, pp. 66-75]

"Placas Sensíveis" e "Lembranças Sentimentais": A Vida Social da Pintura Reversa em Vidro: de Cantão a Leiden

A pintura de exportação chinesa despertou um forte apelo junto das potências estrangeiras activas na China e nos países asiáticos vizinhos no final do século XVIII e meados do século XIX. Como resultado, hoje, as pinturas de exportação chinesas podem ser encontradas em 18 colecções públicas na Holanda. Estas colecções têm um valor histórico,

artístico e material e estão intimamente relacionadas ao comércio histórico da China no exterior, seja trazidas de volta por funcionários da VOC, comerciantes privados, diplomatas ou funcionários governamentais. Estas relações económicas integradas produziram, entre outras coisas, objectos de arte integrados, como pinturas, que, como resultado das suas funções representativas e sociais, formaram um fenómeno artístico especial e um repertório visual cultural partilhado, com o seu próprio carácter (Eurasiático).

Este artigo centra-se na vida social de duas colecções coerentes de pintura reversa em vidro da China, na colecção do Museu Volkenkunde, em Leiden, na Holanda. O primeiro conjunto consiste em 19 "placas sensíveis" do século XVIII, com uma proveniência interessante que remonta a 1824, ano em que entraram na colecção do Gabinete Real de Raridades em Haia. Este conjunto de pinturas a óleo, provavelmente produzidas entre 1785-1790, contém elementos que sugerem uma forte ligação com este período. Em segundo lugar, um conjunto de três "lembranças sentimentais" do século XIX, com duas vistas do porto e uma cena de jardim interior. Van der Poel contactou um dos descendentes de seu primeiro proprietário, cuja narrativa tornou possível a compilação de uma biografia cultural destas pinturas privadas até que elas foram doadas ao museu de Leiden.

Tendo desemaranhado a sua pro-

veniência, Van der Poel tira algumas conclusões cuidadosas sobre o grau de importância e, conseqüentemente, até que ponto se percebe qualquer acréscimo de valor e diminuição de valor desses conjuntos de obras de arte no seu longo percurso de vida. É claro que estas obras de arte, transaccionados, com os seus valores coesos, tornam esse género de pintura distintivo e numa classe por si só.

[Autora: Rosalien van der Poel, pp. 76-106]

A Representação de Embarcações por Artistas Chineses em Pinturas de Exportação do Comércio de Cantão entre os Anos de 1770 e os Anos de 1840

Sem embarcações, o Comércio de Cantão não poderia ter ocorrido. Portanto, não é surpreendente que muitas das cenas retratadas em pinturas desse comércio sejam representadas na água e que, nessas cenas, barcos, juncos e navios da Índia Oriental apareçam com tanta frequência e abundância. As obras são executadas numa variedade de técnicas, incluindo óleo, guache e aguarela; os suportes vão desde a tela, papel de arroz e seda, até marfim, cobre e latão, dependendo da técnica. As pinturas apresentam uma grande variedade de cenários, dos quais quatro foram particularmente populares entre a clientela dos artistas: a Praia Grande de Macao, a Boca do Tigre (estreito no

Delta do Rio das Pérolas), o porto de Whampoa e a frente ribeirinha do lado de fora das fábricas de Cantão. Uma composição básica, com algumas variações ao longo das décadas, pode ser notada em cada um dos quatro cenários. No entanto, as cenas na água não foram os únicos trabalhos em que as embarcações desempenharam um papel essencial; retratos de navios e conjuntos de papel de arroz mostrando tipos de artesanato chinês também tinham procura.

[Autora: Susan E. Schopp, pp. 107-120]

Referências Diversas aos Artesãos do Comércio de Cantão 1700-1842

Os artesãos que trabalhavam em Cantão entre 1700 e 1842 são algumas das figuras mais elusivas do comércio chinês. Apesar da enorme quantidade de artefactos que produziram, e que agora fazem parte de colecções privadas e de museus em todo o mundo, os autores deixaram muito pouca informação sobre si mesmos. Foi apenas quando os americanos entraram no comércio da China em 1784 que começamos a ter mais informação sobre alguns destes artistas e artesãos. A ausência de registos históricos levou os estudiosos a sugerir que poderia haver apenas alguns destes homens a trabalhar em Cantão antes da chegada dos americanos, e que o comércio de arte seria provavelmente muito limitado antes de tal acontecer. Embora

RESUMOS

provavelmente nunca possamos construir um quadro completo da comunidade de artesãos neste período, novas informações sobre a arte de exportação surgiram recentemente, mostrando que o comércio era mais vibrante do que se pensava anteriormente. Os novos dados sugerem que houve continuidade nesse mercado, pelo menos desde o início do século XVIII. Embora muitas destas entradas sejam breves, com numerosas lacunas na sua sequência, elas mostram um mercado de arte de exportação activo, crescendo em uníssono com o comércio de chá.

[Autor: Paul A. Van Dyke, pp. 121-141]

Como Lidar com o Comércio Estrangeiro

Este artigo apresenta traduções anotadas de dois longos poemas de proeminentes *literati* chineses do século XVIII, que por acaso se encontraram em Guangzhou no Outono de 1770, na véspera da dissolução oficial do Co-hong (uma corporação de mercadores chineses). O poema de Zhang Jiuyue 張九鉞 (1721-1803), 'Balada do Comércio Estrangeiro' (Fanhang pian 番行篇) oferece uma descrição da frente ribeirinha de Guangzhou e das interações entre ocidentais e chineses, enquanto 'O Navio Estrangeiro' (Fanbo 番舶), de Zhao Yi 趙翼

(1727-1814), faz uma descrição detalhada de um navio de plataforma quadrada ocidental e da sua interacção com os oficiais a bordo do navio. Nas suas conclusões, ambos os autores opinam sobre o comércio estrangeiro: enquanto o desempregado Zhang Jiuyue deseja que os comerciantes estrangeiros retornem no ano seguinte, o perfeito local Zhao Yi insiste no controlo estrito dos estrangeiros, porque "a energia destas pessoas é muito volátil" e "traidores conspiram secretamente com elas". Os ecos verbais entre as secções finais sugerem que os dois poemas foram escritos na mesma altura.

[Autor: Wilt L. Idema, pp. 142-155]

